



Publicação semanal literaria e ilustrada

Propriedade e direcção de **JORGE GONÇALVES**

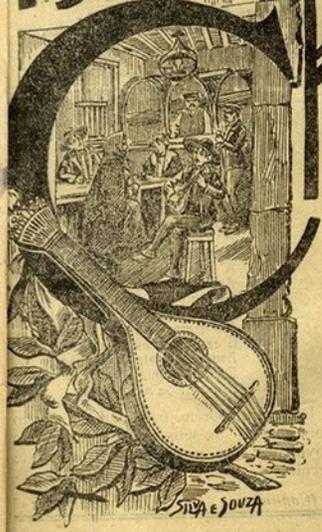
Redacção e administração — Rua do Arco a Jesus, n.º 81 - 1.º

Composição e impressão — Sociedade Nacional de Typografia, Rua do Seculo, 43

NÃO SE RESTITUEM OS ORIGINAES

Assinaturas: Series de 10 numeros 20 centavos (200 réis) pagamento adiantado

Avulso 2 centavos (20 réis) EDITOR — JOSÉ GONÇALVES CARNEIRO



QUE socegado está o Parque! Existirá, por acaso, o Parque ainda?

E' tudo como que uma imensa bôca de sombra: ali deve estar a "Fonte da Sereia", ali os cedros, além os loureiros, mas não se vê nada. A' força de olhar, parece adivinhar-se os esqueletos dos choupos, mais negros do que a noite, e o céu está negro; apenas umas estrelas como de otro. Alguem disse já as estrelas lagrimas da noite; não, lagrimas, não. Porque hão de chorar a noite e a alma? As sombras e as penas devem sofrer-se de pé, caladamente, porque penas e sombras são cobardes, e em frente da força costumam fugir, como fogem nos contos os dragões ao silhueta-se um perfil valoroso. Que coisas tão raras, tão estranhas se passam nos contos! E, sem embargo, a vida parece um conto também.

Coimbra—Parque de Santa Cruz.

J. Bettencourt.

AS SETE FONTES

Sete fontes, sete beijos,
Sete abraços ao meu par.
Vem, amor! os meus desejos
Querem contigo noivar.

Vi agora San-João
Nas álas d'uma fogueira:
Amor do meu coração
Sou a tua companheira!

Vai cair a meia-noite
E a gente ainda a bailar...
Vamos ás fontes, depressa!
Que está a hora a passar.

A agua das sete fontes
A' meia-noite certinha
E' San-João quem na deita
P'ra nos servir de mézinha.

Sete fontes, sete beijos,
Sete abraços ao luar.
Ail amor, os meus desejos
Estão contigo a noivar...

José Monteiro.



Avelino de Sousa

Meu caro Gonçalves:—Ao receber a sua estimada carta, tive uma leve hesitação em aceder ao seu amavel convite Francamente o confesso. Não porque ele me não fosse honroso, mas porque me senti pequeno de mais para tratar tão delicado assunto. Depois... depois prometi e no cumprimento d'essa promessa, digo-lhe que Avelino de Sousa, nascido do povo, lançado no imenso turbilhão da vida, com uma leve bagagem de mediocres conhecimentos, representa, para mim, uma vontade de ferro, uma vontade indomavel, perseverante,—a vontade inquebrantavel dos grandes homens—e essa vontade, aliada ao seu talentoso engenho, produziram esse grande esforço que é toda a sua obra, e fizeram-no o poeta do povo mais estremecido e admirado.

De estilo corretissimo, o nteligente e estudioso Avelino conseguiu deslumbrarnos, esmaltando as suas produções com ricos e profundos conceitos e adornando-as de lindas imagens retóricas.

Sinto, meu caro Gonçalves, ao ser-me pedida a ardua missão de dizer alguma coisa sobre o Avelino, não poder dispôr de muito espaço para poder desfiar aos generosos leitores da *nossa* «Canção», toda a sua vida de honesto e humilde trabalhador, e melhor poder consignar lido o justo elogio que me merece o plectro de tão eximio poeta e dedicado amigo.

Repito-lhe que, com grande sentimento me vejo privado de ser o fiel interprete das relevantes qualidades que o distinguem, pela razão apontada e porque sinto em mim mais admiração pelo seu genio, que expressões com que deveria deixar nas colunas da «Canção», bem inculcada a obra soberba do modesto Avelino.

Assim, pois, conformo-me em enviar-lhe um leal aperto de mão, e crendo ter satisfeito, embora medianamente, o seu delicado pedido, creia-me amigo certo.—
A. C. de S.

Cantos e danças portuguezas no seculo XVIII

(FRAGMENTO)

Entre os prazeres em que se refastelaram as gentes do «setecentos», avultam soberanamente o canto e a dança. Mas que ha n'isso de extraordinario?—preguntará alguém. Não são ambos tão antigos como o homem?

Mas certamente. Foi guinchando e agitando desordenadamente o corpo que os primeiros homens traduziram a sua satisfação pela victoria sobre o inimigo, ou pela posse da presa appetecida. O embrião das coreias do futuro palpitava já n'esses gritos de alegria barbara, n'esses movimentos em desordem.

Correram os seculos, e o grito fez-se harmonia, o salto fez-se ritmo. Foi pois a dança, gemea do canto, quem com ele até hoje tem acompanhado o homem, nos lances em que mais fundo sente a alegria de viver. E como é que o seculo XVIII desamaria essas duas artes, tão graciosas, tão amaveis, se foi ele quem mais viva sentiu essa alegria?

Que profundo desconcerto entre o aspecto das massas atuaes e os d'esse *bon vieux temps!* Hoje tudo é triste e monótono. Nas ruas, as caras que topámos tem parece que um ar de visita de pesames. Dir-se-hia que os pares, nas salas, andam cumprindo um fadario.

Não era assim n'aquelle tempo. Apesar do Santo Officio vigilante, apesar do despotismo opressor, o povo era alegre, expansivo, folião. Reconhecem-no os viajantes que nos visitaram, consta das paginas expressivas que os coevos nos deixaram.

Dança-se por toda a parte: nas ruas, nas praças, em solenidades e regosijos publicos, nas ruidosas funções de toiros; o povoletu rebolava-se em danças violentas, inflamadas, sensuaes, como as «cheganças» e «folias», que sacudiam os nervos e acendiam o sangue. Qualquer coisa serve de pretexto para se armar um baile. No meio de um campo, de uma rua, de uma sala cinco dedos raspam um acorde na guitarra, uma voz entôa:

Ai lé, amor!

e todos os presentes desatam n'um rodopio. Dança-se ao levantar da cama, dança-se antes e depois das refeições (!), dan-

(!) Sentão-se á meza, fartão bem a pança, e não No fim arrojão todos a cadeira, e não Sôa a rabeca, e vai-se á contradança. não

CANTARES

A poesia portuguesa através dos tempos

Falei-te do meu amor,
Córaste... mas consentiste!
Falei-te, depois, d'um beijo,
Porque foi que me fugiste?

Eu não sei porque razão
Já não me sorris, amôr!
Só uma palavra tua
Póde acalmar minha dôr.

Abre, sim, tua janela
Vem ouvir minha canção,
Vem ouvir a fala triste
Do meu pobre coração!

Penso ás vezes em esquecer-te,
Mas não posso: ei de penar;
Entristece a minha alma,
Sinto-a cá dentro chorar.

No jardim da Natureza
Eu escolhi uma rosa:
Entre as mais lindas, mais belas,
Eras tu a mais formosa!

Guitarra, minha guitarra,
Teus cantos são os meus ais!
Dissipaste a minha dôr,
Não chores, não chores mais!

Gaspard Azevedo.

Quem chora espalha pezares,
Quem chora mais pezares sente,
Lagrimas levam e trazem
Os pezares que tem a gente.

Emquanto poudo chorar,
Aliviei meu sofrer,
Agora nem sequer choro
Nem já sei se isto é viver.

«Quem canta seu mal espanta»
Não acho certo o ditado,
Eu se cantar, só recordo
Quanto já tenho chorado.

Foi contigo, meu amor,
Qu'eu aprendi a sofrer;
Comtigo eu aprendi tudo
Só não te sei esquecer.

Quando se dá um só beijo,
Mais aumenta essa cegueira.
E' como o vento que sopra
Nas chamas d'uma fogueira.

Jurei amar-te e amei-te
Emquanto soube sentir.
Hoje ao dizer que te amo,
Talvez te esteja a mentir.

Ajudante.

(Continuação)

Querem ouvir, se acaso ainda não conhecem, uma fala curiosa de certa personagem do *Auto da Barca do Inferno*, a Brizida? Dizia ela:

Eu sou Brizida a preciosa
Que dava moças aos molhos
E que creava meninos
Para os conegos da Sé,

Que eu sou apostolada,
Angelada e martelada.
E fiz obra mui divina
Santa Ursula não converteu
Tantas cachopas como eu.

Ha uma passagem interessante na *Romagem dos Agravados*, outro auto de Gil Vicente. E' quando Aparicianes, em cena com sua filha, lhe diz:

—E os padres verdadeiros
Cartuxos de santa vida
Apanham-me os travesseiros
Com mais ira que os rendeiros

... Não lhes rogo mal nem nada
Porque são santas pessoas;
Mas praza á paixão sagrada
Que lhes deem tanta seixada,
Que lhes quebrem as corças.
Quero ora perder rancor,
E não ir com isto ao cabo;
Perdeão-lhes pelo amor
De Deus Nosso Salvador,
Encomendo-os ao Diabo...

Mas a par d'estas explosões de suposto mau humor, d'essas curiosas ironias que se toparam a cada instante, nas suas obras, olhaes essa deliciosa «Folia», do *Auto da Feira*, um encanto de pureza. Talvez haja quem a desconheça. Mostrar-lhe-hemos uns pedaços.

1.º côro:

Blanca estas colorada
Virgem Sagrada

2.º côro:

Em Belem vila d'amor
Da rosa nasceu a flor
Virgem Sagrada.

Da rosa nasceu a flor
Para nosso salvador
Virgem Sagrada
Nasceu a rosa do rosal
Deus é homem natural
Virgem Sagrada.

Apesar de já termos apreciado a maneira mordaz, por vezes violenta, como Gil Vicente trata padres e frades, não resistimos á tentação de apresentar aos nossos leitores uma fala muito chistosa de um ermitão, personagem de uma das suas mais pitorescas obras: a *Tragi-comedia pastoril da Serra da Estrela*:

Ermitão — Eu desejo de habitar
N'uma ermidã a meu prazer
Onde possa folgar
E queria-a eu achar feita
Por não cansar em fazê-la,
Que fosse a minha cela
Antes bem larga que estreita
E eu pudesse dançar n'ela.
A cama muito mimosa
E um cravo á cabeceira
De cedro a sua madeira.
E fosse o meu repouso
E dormir até taes horas,
Que não pudesse rezar,
Por ouvir cantar pastores
E entrar assobiãr.
A' ceia e jantar perdiz
Ao almoço moxama,
E vinho do seu matiz
E que o filho do juiz
Me fizesse sempre a cama.
E emquanto eu resasse
Esquecesse ele as ovelhas
E na cela uma abraçasse
E mordesse nas orelhas.

Deixemos, porém, o fundador do teatro português e os seus autos, e vejamos as novidades que mais nos apresentou este seculo.

(Continúa).

José Rodrigues

ca-sé por uma noticia agradável, ao receber e fazer visitas, dança-se nos campos e romarias, nas ruas e assembleás, dança-se até—quem tal acreditaria!—nas funções religiosas. Sim—a propria Igreja exemplifica. As procissões atravessam as ruas interpolando os andores e irmandades de carros e bailes vistosos, alguns de aspecto guerreiro, como o «das espadas», outros de caracter teatral e decorativo, com assuntos rebuscados na Biblia e Mitologia. Em suma, toda a gente dança, desde o monarca em seu palacio, até o vendilhão da Ribeira.

Eram, pois, aquelas duas artes, n'um povo assim caroavel de folganças, das primicias prendas do tempo, e entravam como importantissimo coeficiente na preparação para a vida mundana.

A cada passo enfrentamos, nas paginas dos seculos XVII e XVIII, com referencias a este elemento do bom viver. Não se perguntava a uma menina se entendia da caseira governança: sim se tocava cravo, cantava e dançava bem (?).

Como é natural, vingaram os mestres de dança alcançar um papel de peso em todas as camadas, e contavam entre os pequenos grandes agentes desmoralisadores do seculo. Aproveitando-se da situação privilegiada, lançavam a dissolução nas familias, corrompendo as raparigas incautas que lhes confiavam. Os depoimentos da época encheriam muitas paginas; onçámos apenas dois.

Na comedia *Loucas da moda*, que José Soares de Avelar compoz em 1774, sob o disfarce de Luiz Alvarez e Azevedo, diz uma das figuras:

«Eu não posso culpar meu filho, em não lhe agradar Faustina para mulher, pela sua demasiada peraltise, comunicação, e confiança com os seus mestres de dança e musica, etc.»

E mais adiante:

«Eu não desgosto da musica, mas a falar-lhes a verdade, não posso gostar dos abusos e verdades que se cometem n'estas funções, e muito menos posso dissimular as liberdades e confianças, que os mestres de dança e musica se tem arrogado para com as suas discipulas, a quem domiño despoticamente.»

Esta tão curiosa figura de aventureiro

(?) Na comedia de Manuel José de Paiva *A fortuna não é como se pinta* (Lisboa, 1764) diz a criada Brazília a D. Teodora:

Vossa mercê toca cravo,
E tambem canta as folias,
Bayla muy bem minutês;
Pois de que mais necessita
Para casar, n'este tempo?

Não ha hiperbole n'estas cinco redondilhas. Realmente, para entrar na sociedade, mesmo pela porta do casamento, nada mais era preciso.

e D. Juan—o mestre de dança é, designadamente na tão vasta quanto ignorada literatura de cordel que lhe vamos topa a façanhosa biografia. E pena é que essas humilimas e plebeias paginas de amarelento, ordinarrissimo papel, deploravelmente impressas e inçadas de mal catadores de caixa, tão desconhecida seja, até mesmo de quem, por dever de officio, mais cumpria conhecê-la. Ela, mais que quantos tratados da época, nos faz penetrar na intimidade d'esta sociedade leviana, futil, espirituosa e brilhante, que com tão graciosa imprevidencia divinizou o prazer.

(Continúa).

M. Cardoso Matta.

FADO ALEXANDRINO

MOTE

Chegou a festa ao auge!... Ha muitos pares dançando

A valsa arrebatante e assaz vertiginosa!
Passa o mais lindo par; ela é encantadora!
Os labios a sorrir!... candida flor mimosa!

GLOSAS

No decorrer do baile, o enorme recinto, Pequeno se tornou p'ra tanta multidão!
Tem tudo os olhos n'ela; é grande a admiração
Por esse lindo par, de porte tão distinto.
E salta nervosa, em tanto labirinto...
Traças soltas ao vento, o rosto carminado;
O seu belo perfil p'ra o seu par reclinado,
Ao compasso da musica, evola radiante!...
Ha ceço entusiasmo em vêr o par galante,
Chegou a festa ao auge!... ha muitos pares dançando!

A valsa terminou; é mui felicidade!
Senta-se junto á mãe que muito envaidecida,
Em carinhosa voz, lhe diz, embevecida,
—Descança meu amor, que deves 'star cançada.
O seu garboso par, traz-lhe uma limonada,
Qu'ela sorve, n'um trago, ardente, sequiosa!...
Mas toca o sol-e-dó e chã-a que, fogosa,
Do banco se levanta... alguém vem buscar.
Rodopia outra vez, mas já com outro par!
A valsa arrebatante e assaz vertiginosa.

«Esta é a valsa a premio. Um lindo anel á dama
Que a conseguir dançar trez vezes p'ra direita
E outras tantas p'ra esquerda.» Ela o seu par estreita

Pois que não quer perder de cancanista a fama.
E ligeira volta; os olhitos em chama
Ardeente, no desejo em ser a vencedora!...
E a valsa continúa; e já de si senhora,
Consegue, com seu par, vencer os contadores!...
E a caminho da rua, ouvindo mil louvores,
Passa o mais lindo par; ela é encantadora!

Chega a casa. Feliz, revê-se no anel
E delta-se na cama e dorme descuidada,
Já vae a manhã fóra, e p'la tosse assaltada,
Uma tosse terrivel!... uma tosse cruel!
Socorro-a logo a mãe, mas faz tal aranzel,
Que corre a visinhança... amavel, pressurosa;
Mas já vomita sangue a filha desditosa
E tem o corpo inerte e tem os olhos baços;
E chora a pobre mãe!... e morre-lhe nos braços!
Os labios a sorrir!... candida flor mimosa!

Joaquim S. Caperta (X. Prio).

Fado das ruas

A João Maria dos Anjos

MOTE

Em manhãs de primavera
No campo cantam as aves;
Canta tambem o poeta
As suas trovas suaves.

GLOSAS

Muito alegres, a voar,
Soltando lindos trinados,
Andam mimosos alados
Por todo o espaço a cantar.
Quando d'aurora o raiaz
Essa beleza verbera,
O seu canto reverbera
A' luz brilhante do sol
Tambem canta o rouxinol
Em manhãs de primavera.

Lá por entre os arvoredos,
Os singelos passarinhos
Namoram-se e dão beijinhos,
Trocam seus meigos segredos.
Pensam tambem nos rochedos
Nas altas torres, nas naves,
Com seus cantinhos suaves
Da mais terna melodia,
A' bemdita luz do dia,
No campo cantam as aves.

E o poeta entusiasmado,
N'uma toada dolente,
Então, mui comente,
A linda canção do fado.
Pela guitarra inspirado,
Sua amiga predileta
De beza tão seleta,
Com ceço mimo e amor,
Suavidade e primor
Canta tambem o poeta.

Canta, bis, com sentimento,
Porque guitarra imortal
Com seutrinar divinal
Lhe dá tñura e alento,
Pois sua voz, um portento
De tons d'entes e graves,
E' como o canto das aves
No seu gozejo qu'encanta;
Por isso o poeta canta
As suas tñas suaves.

M. E. V.

Porto.

MOTE

Fui á casa dos penhores,
Empenhar as tuas juras,
Mas ninguém quer dar dinheiro
Por coisas tão mal seguras.

Souza Viterbo.

GLOSAS

Andava falho de amor,
Não podia assim viver.
Ah! eu queria morrer,
Mas sentindo o teu calor.
Enfermei; perdi a côr.
Sentia o peito com dôres,
Chagado pelos amores
Que me puzeram na espinha,
Lancei a mão ao que tinha,
Fui á casa dos penhores.

Escurecia-me a vista,
Não sentia-me envergonhado,
Pois que nunca tinha entrado
Na casa d'um penhorista.
Ah! como isto me contrista!
Quando penso nas torturas
Que passei n'essas alturas,
Quasi que perco o juizo.
Mas fui, porque era preciso,
Empenhar as tuas juras.

Julguei ter a salvação
N'essas joias de valor
Com que tu, meu lindo amor,
Me peaste o coração.
Mas, ó vil desilusão!
Eu bem pedi ao caixeiro
Ao patrão, ao aguadeiro,
P'ra ficarem c'o'o presente,
Inda peço a toda a gente,
Mas ninguém quer dar dinheiro.

Não aceito mais promessas
Dos teus labios mentirosos,
Que em momentos tortuosos
Veem pregar-me d'estas peças.
Entretanto, não te esqueças
Que, se com as tuas juras
Ousadamente procuras
Enganar a mais alguém,
Ninguém dá nada, ninguém,
Por coisas tão mal seguras.

Mario Ximenes.

NOTES Concurso

Mote a premio

*Andam as aves aos pares
A namorai-se em descantes.*

Estão-nos sendo enviadas todos os dias respostas ao mote a concurso. Pela ultima vez prevenimos os srs. concorrentes de que de futuro, apenas publicaremos as que nos forem enviadas dentro de oito dias após a publicação do mote dado a concurso, não atendendo, portanto, qualquer reclamação que nos seja feita pela falta de publicação das que nos forem enviadas fóra d'esse praso.

Repostas

Voejando nos pomares
Ao romper da madrugada
Em louca folia, alada,
Andam as aves aos pares.
Com seus vibrantes cantares,
Ternos, lédos, chilreantes,
Como se fossem amantes,
Ai! os pobres passarinhos!
Abandonam os seusinhos,
A namorar-se em descantes.

Droterel.

Com os seus doces cantares,
Nos campos e nos telhados,
Poisando em todos os lados
Andam as aves aos pares.
Levam segredos nos ares
Os passarinhos errantes,
Para dizer ás amantes
Suas doces companheiras;
Levando manhãs inteiras
A namorar-se em descantes.

Elviro das Neves Duque.

Ouvem-se doces cantares
De bulhosas ceifeiras;
Cortando o espaço, ligeiras,
Andam as aves aos pares.
Poisam em vinhos, pomares,
Em colinas verdejantes;
A saltitar, chilreantes,
Dizem ternas maravilhas
Trocam d'amor, redondilhas.
A namorar-se em descantes.

Zaimoso.

Voando por esses ares,
Sobre os montes e campinas,
Tão belas e tão ladinhas,
Andam as aves aos pares.
Cantando lindos cantares
Mui vivos e estonteantes,
Onde ha segredos de amantes;
E d'amores perdidinhas
Andam, como que tontinhas,
A namorar-se em descantes.

(Castelo Branco).

Trinando nos seus cantares
Em milhões de melodias,
Voando todos os dias,
Andam as aves aos pares.
Trocando doces olhares,
De plumagens brilhantes,
Elas vão, vivificantes,
Pelos prados chilrear,
Por saberem bem amar
A namorar-se em descantes.

Fraténus.

Em curvaturas nos ares,
Gorgeando alegremente
— Em vida doce e contentel... —
Andam as aves aos pares.
Não conhecem os pezares
E as dôres amargas, gigantes,
As avesinhas amantes...
Passam a vida, ditosas,
Em ninhos feitos de rozas,
A namorar-se em descantes.

Galucho... em versos.

Cortando o azul dos ares
Da manhã pelo socego,
Nos salgueiros do Mondego,
Andam as aves aos pares.
Fazem lembrar seus cantares
As guitarras soluçantes,
As canções dos estudantes,
Que, c'o' as tricanas garridas,
Andam por noites perdidas,
A namorar-se em descantes.

J. F. Brito (Jribo).

Sobre a terra e sobre os mares,
Fazendo ouvir seus trinados
Como harmoniosos fados,
Andam as aves aos pares.
Depois acorrem aos lares
Alegres ou soluçantes;
Mas sempre, castas amantes,
Contemplam os céos, as flôres,
Esquecendo as suas dôres
A namorar-se em descantes.

Setubal *Carmila.*

No limpido azul dos ares
N'um vôo ameno, d'amor,
Criança, esquivia Leonor,
Andam as aves aos pares...
Põe, querida, esses olhares
Dos teus olhos fascinantes,
(Belo exemplo para amantes)
Nas ditosas avesitas
Das amplidões infinitas,
A namorai-se em descantes!

Valpassos *C. Castro Lopo.*

Caminheiro, se passares
No prado que fica além,
Vê: n'um alegre vai-vem,
Andam as aves aos pares.
E se bem tu escutares
Seus gorgeios delirantes,
Verás, em poucos instantes,
Os meigos, lindos alados,
Pelos frondosos copados
A namorar-se em descantes.

Deolinda P.

Repara quando passares,
Como no céu de turqueza
Doidas da tua beleza,
Andam as aves aos pares.
As rosas e os nenufares
Falam d'amor, radiantes,
Em segredos palpitantes;
Emquanto que os namorados
Se perdem pelos valados
A namorar-se em descantes.

Siffo.

Sulcando os limpidos ares
Entre pios e trinados,
Que nos fazem lembrar fados,
Andam as aves aos pares.
Umam cantam seus pezares,
Outras choram seus amantes,
Gorgeiam outras distantes
Chilreando maviosas,
São assim todas ditosas
A namorar-se em descantes.

Orfeu.

A "Canção de Portugal"
na provincia, ilhas e Brazil

A fim de facilitar ao publico da provincia, ilhas e Brazil as suas relações com o nosso jornal, damos em seguida os nomes dos nossos agentes a quem pôde dirigir-se para tratar de quaesquer assuntos que com ele se liguem, aproveitando a ocasião para agradecermos aos mesmos srs. agentes que nos tem manifestado a sua simpatia pelo nosso semanario, o interesse tomado pelo seu desenvolvimento.

- Abrantes**—Antonio Augusto Salgueiro.
- Alandroal**—José Antonio Moura.
- Alicacer do Sal**—Artur Pereira Salgado.
- Alcaçovas**—Francisco Antonio Campos.
- Alcobaca**—José Narciso Costa.
- Alcointre**—Joaquim Jacinto Lopes.
- Aldeia Nova de S. Bento**—Ernesto Calvas Soares.
- Alemquer**—Joaquim Vidal.
- Alfandega da P6**—Alvaro José Pires.
- Aljustrel**—Albano M. Almeida.
- Alhandra**—Manuel Maria Bico.
- Almeida**—Aníbal Vieira.
- Alter do Chão**—Antonio Romão.
- Alvão**—José Francisco Matos.
- Amarante**—J. Pereira da Silva.
- Arcoz de Val de Vez**—Antonio Luiz Dionisio Mendes.
- Arronches**—José Matias Branco.
- Aveiro**—João Vieira da Cunha.
- Azambuja**—José Augusto Pereira.
- Azeitão**—Manuel Pinto.
- Barcelos**—Fernando Miranda.
- Batalha**—Francisco Carreira Reis Silva.
- Benavente**—Manuel Dias Varandas.
- Bombarral**—José Proença.
- Braga**—Cruz & C.ª.
- Caldas da Rainha**—José Silva Dias e Francisco Galinha.
- Campo Maior**—D. Estefania Touro.
- Cantanhede**—Dr. Manuel Pessoa.
- Castelo Branco**—Policarpo Santos Silva.
- Castelo de Vide**—Miguel Santos Soares.
- Castro Marim**—Celestino Candido Trindade.
- Castro Verde**—M. A. Valente.
- Caxias**—Adelino M. Leal.

Fado das Lagrimas

Musica de LUCINDA S. ESPADA

Letra de JOÃO LINHARES BARBOSA

Quando á gente morre alguém
Que nos adorer em vida,
Dá-nos vontade tambem
De morrer logo em seguida. } bis

Choramos amargamente
Lagrimas que se evaporam;
De tudo que a gente sente
Os nossos olhos não choram. } bis

Sucedo-se um sonho triste,
Após esse ha tantos, tantos,
E no final só existe } bis
Realidade com prantos. }

Depois, soluçando em vôo,
Ouvem-se os sinos da torre,
Sentindo nossa paixão,
Chorando tambem quem morre. } bis

E no coval em sudário,
Vamos nós desfolhar flores,
Verte n'esse santuário
Lagrimas das nossas dôres. } bis

- Geia**—Antonio Oliveira Abranches Liz.
- Gelérico de Basto**—Albano Teixeira Gomes.
- Celérico da Beira**—Antonio Fernandes Costa Almeida.
- Gezimbra**—José Marques Antunes.
- Chaves**—Antonio Maria Gonçalves.
- Ginra**—Tavares & C.ª.
- Colimbra**—Manuel Bernardo Ferreira.
- Constancia**—João Lopes Godinho.
- Govindá**—José Manuel de Almeida.
- Grato**—João M. Marques.
- Elvas**—José Antonio Pinheiro Martins.
- Entroncamento**—Aníbal Pereira Costa.
- Espinho**—Dias Pereira & C.ª (Porto).
- Espozende**—José Silva Vieira.
- Estarreja**—Manuel Leria.
- Extremoz**—José Santos Serpa.
- Evora**—José Augusto Correia.
- Fafe**—Justino Augusto Silva.
- Faro**—Antonio Santos Capela.
- Figueira da Foz**—Carlos Idães.
- Figueiró dos Vinhos**—José Manuel Godinho.
- Funchal**—Jaime Albuquerque Mesquita.
- Fundão**—Joaquim Matias Lopes.
- Goes**—José Campos Nogueira.
- Golegã**—Joaquim Miguel de Sousa.
- Gouveia**—Lino Martins Coelho.
- Grandola**—Abílio José Santos.
- Guarda**—Manuel Vinhas.
- Guimarães**—Augusto Inacio Cunha Guimarães.
- Idanha-a-Nova**—Cristiano Pereira Barata.
- Ilgão**—Manuel José Pereira.
- Ilagos**—Manuel Marreiros.
- Ilheira**—Jaime Lameiro.
- Ioulé**—Manuel Francisco Raposo e Francisco Ramos.
- Iloures**—Luiz Jesus Gomes.
- Isoirinhã**—Alberto Marques Carvalho.
- Mafrã**—Vivva de José Silvestre.
- Mangualde**—Bento de Almeida Campos.
- Meda**—João Maria Albino.
- Monforte**—Francisco Antonio Cabaco.
- Monsão**—Antonio Sá Vieira.
- Montemor-o-Novo**—Pedro José dos Santos.
- Moura**—José Conceição Talhadas.
- Nazare**—José Pedro.
- Odemira**—D. Inacia Maria, Suc.ª.
- Olhão**—Alberto Passos Lima.
- Oliveira de Azeméis**—José Ferreira.
- Oliveira de Frades**—Manuel Almeida Raposo.
- Oliveira do Hospital**—José Lobo.
- Paredes do Bairro**—Antonio Joaquim Cardote.
- Paredes de Coura**—Eduardo Pereira Bancelar.
- Penacova**—José Augusto Ribeiro.
- Penamacôr**—Antonio Sousa, F.ª Suc.ª.
- Peniche**—João Batista Conceição & C.ª.
- Pias**—José Conceição Talhadas.
- Pinhel**—Joaquim José Torres.
- Pombal**—Francisco Duarte Batista.
- Ponta Delgada**—J. Claudio Sousa & C.ª.
- Ponte de Lima**—Gaspar Faria Cerqueira.
- Portalegre**—João Augusto Mourato.
- Portimão**—Pereira & Pereira.

- Porto**—A. Dias Pereira & C.ª
- Povo de Lanhoso**—José Pinto.
- Redondo**—José Luiz Tavares.
- Sabugal**—José Santos Forte.
- Salvaterra de Magos**—João Pinto Figueiredo.
- Santa Combadão**—D. Maria José Pereira Gomes.
- S. Martinho do Porto**—Francisco K. Saibo.
- S. Pedro do Sul**—João E. Almeida Fonseca.
- S. Tiago do Cacem**—Hilario Feliciano.
- Seixal**—Antonio Dias.
- Setubal**—Luiz Melo.
- Silves**—Domingos Alves Calvino.
- Taboa**—Antonio Barros.
- Tancos**—Antonio Machado Cruz.
- Tomar**—José Matias Araujo.
- Torres Novas**—João Pessoa de Amorim.
- Torres Vedras**—A. Cabral.
- Troizendo**—Antonio Portugal.
- Valpassos**—Adriano Braga.
- Vendas Novas**—Manuel Jesus Matos.
- Viana do Alentejo**—Francisco Lucio Maximio.
- Vila Real de Santo Antonio**—Antonio E. Palma Rita.
- Vila Viçosa**—João José de Abreu.
- Vizem**—José Domingos Saravia.

BRAZIL

- Bahia**—Manuel Antunes Vale.
 - Ceará**—Luiz Severiano Ribeiro.
 - Maranhão**—Plácido Camões.
 - Pará**—José Martins & Irmão.
 - Rio de Janeiro**—José Martins & Irmão.
 - Santos**—José Paiva Magalhães.
 - S. Paulo**—Alvaro S. Jorge.
- Acçãem-se agentes em todas as terras da provincia onde os não temos.*

UMA GENTIL OFERTA

que interessa os leitores do nosso semanario

Escreveu-nos o sr. Antonio Maria d'Oliveira uma cativante carta na qual, além de mostrar a sua grande simpatia pelo nosso semanario, nos enviou uma ordem para irmos á Livraria Ventura Abrantes—Rua do Alecrim, 80—receber 30 exemplares do seu interessante livro *Quadras*, que gentilmente ofereceu á *Canção de Portugal* para serem vendidos a seu favor.

No intuito de tornarmos conhecido o livrinho do sr. Oliveira, em que pôz toda a sua alma de poeta, e de lhe dar o destino em harmonia com os desejos do seu autor, resolvem esta empresa brindar com um exemplar todos os leitores de *A Canção de Portugal* que lhe indiquem tres assinaturas, sendo esse exemplar entregue logo que ellas sejam pagas.

Ao offerece apresentamos os nossos mais sinceros agradecimentos.

BEBAM SÓ
Agua do Alardo

TELEFONE 3.844

Telegramas IMAN

LIMA NETTO, MOURA & C.

A GAMBIO, PAPEIS DE CREDITO

RUA DOS RETROZEIROS, 100 a 106

Esquina da rua dos Sapateiros, 1 a 3

Ladrilhos mosaicos

R. Potau & C.^a
FABRICA

— DE —

LADRILHOS MOSAICOS

 Especialidade em lavadouros e depositos
 de cimento armado, tinas e lava-louças
 de granitoide

PREÇOS SEM CONCORRENCIA

Agentes exclusivos da:

URALITA
Para telhados
MOSAICOS DE LUXO SEGUI

Machina Iberia para fazer blocos de cimento

R. Saraiva Carvalho, 143 Lisboa

Endereço telegraphico: EMPORDA

 PARA TELHADOS
 URALITA

ABEL PEREIRA & C.^a

Representantes geraes em Portugal de

LEONARDO B. SHOENFELD & C.^a

 Rua da Prata, 34, 2.^o — LISBOA

 Bijouterias, Quinquilarias, Cutelarias, Ferrarias,—
 Objectos d'arte para brindes, e demais artigos de
 luxo e brinquedos.—Cursos, Gramofones, Máquinas
 de escrever, Automoveis, Camions e accesorios, Ma-
 quinas agrícolas e para toda a industria.—Relojoaria.

ANTONIO BASTOS

Comissões e Consignações

EXPORTADOR DE

Productos nacionaes e estrangeiros

 RUA DOS REMOLARES, 6, 1.^o

LISBOA

 Telefone n.^o 1487 22, Caixa no Correio, 22

Endereço telegraphico ANTASTOS

NOVAS MARCAS DE CIGARROS

DO FABRICANTE

JORRO DE ORAM

Miosotis,	25 cigarros	220
Des Alliés,	20 "	150
Zuavos,	25 "	160
Colombo,	20 "	130
Ilda,	20 "	130

 A' venda na CASA HAVANEZA, Chão,
 124 a 134, Lisboa, e nas boas tabacarias.

CAMISARIA CYSNE

— DE —

Alfredo da Silva

166, Rua Augusta, 168 — LISBOA

 Completo sortimento de roupa branca
 para homem.

 Sempre novidades recebidas directamente
 de Londres e Paris.

PREÇOS MODICOS